



SUSSURROS DO CRIME, SILÊNCIOS DA LOUCURA: A PASSAGEM AO ATO NA PSICOSE

Rafael Venâncio¹; Hermano de França Rodrigues²

¹ Universidade Federal da Paraíba – venanciorafaelecritor@gmail

² Universidade Federal da Paraíba –hermanorg@gmail.com

Resumo: Desde o nascimento, somos ofertados ao mundo e forjados na dor de um desamparo primeiro, que origina a mais fundamental de todas as sensações, a saber, o desprazer que o fato de existir impõe. A manutenção da vida, no entanto, tende a (re)significar e (re)elaborar essa dor, ainda que não plenamente, com a nossa entrada no campo da linguagem (da cultura), algo que só é possível com a mediação do *Outro*, terreno dos significantes, de quem exclusivamente dependemos para sobreviver. Este ser imprescindível resguarda as significações que envolvem o universo, de forma que, por sua atuação, as necessidades básicas são supridas e o *desejo* se inscreve no futuro sujeito. Contudo, a relação que se institui pode vir a ser mortífera para o destinatário, caso uma instância maior não se coloque entre eles, estabelecendo o corte necessário. Referimo-nos, especificamente, a *função do pai*: sua intervenção possibilita a nossa entrada no Édipo e posterior assimilação da Lei que rege as sociedades humanas. E quando, por alguma razão, a figura paterna não comparece, o resultado é um processo de subjetivação precário, onde as pilastras de uma suposta normalidade estariam ruínas. Eis o caso das *irmãs Papin*, retratado no filme *Entre elas*, produzido ano 1994. Na narrativa em foco, duas empregadas domésticas confessam ter assassinado suas patroas e mutilado seus corpos, um crime sem motivo aparente que chocou a França em 1933. Nossa pesquisa, numa conexão entre a psicanálise de base lacaniana e a cinematografia, pretende investigar as razões que poderiam explicar não só o crime como também a brutalidade do ato criminoso.

Palavras-chave: Psicose, crime, paranoia, brutalidade.

1. Introdução:

*Entre elas*¹ é um filme britânico, dirigido por Nancy Meckler, produzido no ano 1994. A história gira em torno de uma conturbada e silenciosa relação de duas empregadas domésticas e suas patroas em uma pequena província da França na década de 30, onde, em uma noite comum, estas são brutalmente assassinadas pelas criadas.

A narrativa, no entanto, não evidencia nenhum motivo forte o suficiente que fosse capaz de explicar tamanha violência empregada contra as vítimas, a não ser uma espécie de perturbação, que desde os primeiros minutos da obra, se mostra presente nas protagonistas, razão pela qual o objetivo de nossa pesquisa se presentifica uma vez que, tal *perturbação*, ainda que desenvolvida silenciosamente, sussurra a sua participação no crime cometido pelas duas mulheres. Defendemos, neste trabalho, que as irmãs Papin, sob forte emoção, desencadearam um surto psicótico que as fizeram ir de encontro às leis civilizatórias, explicando que a passagem ao ato talvez não houvesse ocorrido se não tivessem sido confrontadas com o Real da castração que teimava em aparecer no Simbólico.

¹ Nome dado no Brasil para substituir o título original *Sister My Sister* que, traduzindo fielmente para a língua portuguesa seria *Irmã minha Irmã*.



Para que comprovemos nossa tese aqui defendida, é necessário que façamos uma exposição de dados tanto históricos quanto teóricos: por isso, num primeiro momento, munidos de referências que versem sobre o fato real em que o filme se baseia, discorreremos acerca da vida familiar das irmãs Papin, a fim de que compreendamos quais eram as condições familiares onde nasceram essas mulheres. É importante esclarecer que não há, neste trabalho, a intenção de justificar os atos praticados pelas personagens supracitadas, tão-somente objetivamos entendê-las em sua singularidade psíquica.

No segundo momento faremos uma explanação teórica acerca da estrutura psíquica psicose, com base nas contribuições lacanianas, o que abre espaço para que, adentrando no filme e seu enredo propriamente dito, já no terceiro momento, façamos uma análise do drama retratado no filme, destacando diálogos que consideramos chaves para a instrução deste trabalho.

2. Resultados e discussões:

2.1.1. Antecedentes do crime

Na noite de 2 de fevereiro de 1933, em uma pequena província da França, a polícia arromba a porta da casa onde residia a família Lancelin, composta pelo chefe da família, esposa e filha. Ao abrir, os policiais se deparam com os corpos, jazidos no chão do andar de baixo, banhados em seu próprio sangue, mutilados e com os globos oculares vazios. Tudo indicava que quem praticara tamanha atrocidade buscava garantir que as vítimas não sobrevivessem, tanto que, *post mortem*, os corpos foram esfaqueados nas nádegas e pernas, visivelmente expostas. No andar de cima, no quarto destinado aos empregados, se encontravam as assassinas, abraçadas uma na outra, assustadas. Confessaram o crime e foram imediatamente presas, bem como os corpos recolhidos.

Léa e Christine Papin, então empregadas fiéis e competentes, nesta noite converteram-se em assassinas que engendraram uma cena macabra, chocando toda a França e garantiu, envolta dos desdobramentos do processo criminal que se seguiu, diversas interpretações do que poderia haver motivado a carnificina. Dada à classe e posição que ocupavam, não faltaram sociólogos que vissem no caso um típico protesto contra a desigualdade social e as péssimas condições de trabalho imposta a uma classe trabalhadora, sujeita a todo tipo de arbitrariedade para sobreviver. Nesse sentido, Léa e Christine Papin poderiam ser tidas como mártires e símbolos de resistência, no entanto, a confissão de ambas a polícia desmentia tal asseveração: as patroas, disseram, sempre foram boas



para com elas. “Então, o que houve? Um ferro de passar com defeito, um fusível queimado [...], talvez um olhar de censura, um brilho de humor da Sra. Lancelin, e tudo desmoronou. A esse motivo fútil, a esse motivo insignificante respondeu a horrível carnificina” (CORIAT, 2001, p.194).

O mistério espreitava o caso das irmãs assassinas, no que se referiam as verdadeiras motivações do ato homicida e, além disso, da forma grotesca que ele fora cometido, algo da ordem do *não dito* escondia-se nas entrelinhas de um discurso quase idêntico, de ambas, uma espécie de fúria avassaladora que as tomara arrebatadamente. É mister, portanto, conhecer um pouco da história das irmãs Papin, a fim de descobrir o mistério que envolveu o crime.

Léa e Christine Papin eram filhas de Clémence Papin, esta senhora tivera três filhas, de quem jamais cuidava, confiando a parentes e depois a colégios internos a educação de todas elas. Nestas circunstâncias, criou a primogênita Emília, internando-a no colégio e convento Bom Pastor. Enclausurada, Emília entregou-se a vida religiosa, separando-se de sua mãe. Christine teria o mesmo destino se Clémence, considerando que já estava em idade de trabalhar, não a tivesse tirado de lá para colocá-la na casa de famílias burguesas para que fosse criada, tão logo a segunda filha estava garantida no emprego e recebia o seu salário, a mãe se apoderava de tudo o que ganhava, sempre afirmando o caráter perseguidor e perverso tanto das freiras do Bom Pastor quanto dos patrões que, em suas palavras, “*Têm inveja de vocês e de mim*”² (CORIAT, 2001, p.198). Clémence alertava constantemente acerca da maldade que as rondava já que, como prova do que dizia, a primeira, de suas três meninas, havia sido *convencida* a se tornar freira. Com o intento de evitar que Christine lhe fosse tirada, a mãe a fez sair do convento. Foi nesse ciclo de (re)colocação que a garota foi colocada na casa dos Lancelin, sua última estadia.

Com Léa não foi diferente: tão logo nasceu foi deixada aos cuidados de uma parenta de Clémence e internada, quando mocinha, em um colégio, do qual veio a sair quando a mãe considerou que já estava em idade de trabalhar, ou seja, tal qual a irmã mais velha, foi mandada para a casa dos Lancelin. Não deixa de ser interessante o fato de que esta mãe, apesar de não criar as filhas, delegando a outrem a responsabilidade que lhe competia, se julgava no direito de dispor de suas vidas com mão de ferro, e,

Neste ponto coloca-se uma pergunta em nosso discurso. Uma pergunta crucial para nós: por que Clémence entregava, retomava, tornava a internar e buscava novamente uma ou outra de suas filhas? É nosso entendimento que, com isso, ela procurava

² Trecho de uma das cartas Clémence enviadas às filhas, Léa e Christine, extraídas do livro *Os grandes casos de psicose*.



certificar-se repetidamente de seu domínio sobre as filhas, de seu direito de vigiá-las, a elas que, em todas as situações, deveriam continuar-lhe “submissas”. Foi essa a expressão da própria Clémence (CORIAT, 2001, p.197).

Era importante que as filhas estivessem *submissas*, o que nos permite o pressuposto de que, sempre, estivessem enredadas no desejo de sua mãe. Na verdade, esse sonho não pôde se realizar, ao menos, não da forma como Clémence ansiava: um dia, sem palavras, sem discussão, sem qualquer desentendimento aparente, as filhas romperam definitivamente com a mãe: não mais a queriam ver, sequer a cumprimentavam na rua. Clémence tornou-se uma estranha. Pelo que se seguiram cartas, cujo conteúdo demonstrava desespero, urgência de rever as meninas e de *reivindicar* o lugar que acreditava lhe pertencer. Nas epístolas, acusava, sem especificar, seres/pessoas que as odiava, sujeitos dispostos a separá-las, que não gostavam de vê-las felizes: eram falsos amigos, se encontravam no mundo e algo de ruim, de muito ruim, advinham deles, quem eram? Clémence não dizia, e, se não eram ninguém em particular, só podiam ser *todos*, espreitando, *observando-as*. Por fim, era um inimigo invisível, porém bastante presente, algo semelhante a um polvo, cujos tentáculos se espelhavam em torno delas, buscando destruí-las, mas antes ele as *observava*, para por em evidência o menor de seus erros.

2.1.2. Considerações teóricas acerca da estrutura psicótica

O crime que chocou a França 1933, protagonizado pelas irmãs Papin, traz, conforme atestamos acima, singularidades que vão além de uma abordagem sócio-histórica já que, neste trabalho, nos interessamos pelo que chamamos de *o inexplicável* do ponto de vista lógico: afinal, ao que tudo indicava e de acordo com o depoimento de ambas as irmãs, as patroas sempre haviam sido boas para com elas, madame Lancelin inclusive orientou-as a guardar para si o dinheiro do salário entregue a sua mãe, além do mais, ela aceitou de bom grado os serviços de Léa quando Christine a pediu, permitindo, com isso, que as irmãs ficassem juntas como desejavam.

Qual poderia ter sido a verdadeira motivação do ato criminoso? Eis a inquirição que nos propomos a responder. Para obtermos uma resposta satisfatória, destacamos que as personagens principais do evento, demonstraram, pelo fato ocorrido, terem sido vítimas de um surto ou desencadeamento psicótico, só isso poderia trazer luz às interrogações que cobriam as razões do crime: uma irrupção de uma coisa que estivera presente no psiquismo que, antes da noite de 2 de fevereiro, só tinha dado sinais de sua existência.



Ao sustentar a tese de que o caso estava enredado em tramas psicóticas, é necessário esclarecer o que entendemos por psicose neste trabalho. Em primeiro lugar, a psicose deve ser entendida, pelo viés analítico, como uma estrutura psíquica sobre qual, conforme Joel Dor (1991) pesam especificidades da economia do desejo, regida por uma trajetória estereotipada. Ou seja, é a maneira como o *desejo* é constituído que permitirá a predominância de traços estruturais de determinada estrutura psíquica. Tal economia não pode ser dissociada do Complexo de Édipo uma vez que é somente por ele que as demais relações subjetivas, de afeto e transferenciais, se fundamentam. Nele, a criança, futuro sujeito, experimentará as sensações de prazer, dor, amor, ódio e necessidade guiada pelas figuras parentais que buscam educá-la de acordo com as ordenanças da cultura.

Lacan (1995) aponta que o Édipo só pode se constituir na medida em que um terceiro se presentifica na relação de *dois*, enquanto este não for notado e nem mesmo comparecer, a fase é classificada pelo psicanalista como *pré-edípica*, ou seja, uma extensão, no exterior, do laço primeiro que a criança mantinha com mãe anterior ao nascimento. Ora, o terceiro só pode vir a comparecer quando a mãe frustrar a criança com a sua ausência, antes nunca sentida e significada:

A mãe [para o bebê] existe como objeto simbólico e como objeto de amor [...] A mãe é inicialmente mãe simbólica, e é só na crise da frustração que ela começa a se realizar, em razão de um certo número de choques e de particularidades que se produzem nas relações entre a mãe e a criança. A mãe objeto de amor pode ser a cada instante a mãe real, na medida em que frustra esse amor (p.229).

Lacan nos diz, claramente, a necessidade da mãe *falhar* para que seja vista como mãe real e, a partir dessa primeira dor, o mundo, enquanto real, comece a ser conhecido pela criança ou suposto por ela quando ela se percebe que a imagem da mãe, ausente, mostra um horizonte que ela não preenche, suscitando um questionamento imprescindível: “Ela vem, ela vai: o que explica essa alternância de presença e ausência? Não sou *tudo* para ela, já que ela volta? Não sou *nada* para ela, já que ela se ausenta?” (JULIEN, 2002, p.64).

A criança perceberá que não é onipresente, afinal, a ausência lhe denuncia tal coisa. Novamente, ela (re)vive o desamparo frente um mundo, no qual fora lançado sem pedir e sem saber. Ao mesmo tempo, ela terá prova de que é importante, pois que, afinal, a mãe retorna para ampará-la e suprir sua necessidade. Apesar disso, a dúvida permeará e angustiará o infante na medida em que não houver objetividade nas respostas destes questionamentos, ambos, condensados em um único: *o que a mãe deseja?* Ora, só a mãe possui a resposta ao enigma, só cabe a ela responder, e, o que ela responder, é que permitirá (ou não) a entrada do terceiro da relação, o pai, cuja função é estabelecer o

corde necessário à relação do bebê e sua mãe, instituindo a Lei, por meio da angústia da castração, correlato do Édipo.

2.1.3. Análise: passagem ao ato

O filme *Entre Elas*, que foi baseado em fatos reais, ou seja, no caso das irmãs Papin, busca retratar, desde o seu início a silenciosa relação que as futuras criminosas tinham com suas vítimas, marcado pela subserviência e temor por parte das primeiras em relação as segundas, sobretudo no que tangia a Madame Danzard, personagem inspirada na Sra. Lancelin, pois a dona casa demonstrava ser uma verdadeira perfeccionista no que se referia ao serviço da casa de um modo geral: apesar de não ir a cozinha, a senhora fazia questão de fiscalizar o trabalho das empregadas, atenta a qualquer coisa que pudesse servir para mostrar-lhes seus erros, de quem não ouvia sequer um mínimo murmúrio. É interessante notar que para esse fim, a meticulosa dama se valia de uma luva branca, que todos os dias utilizava, para verificar se a limpeza da casa estava conforme seu gosto. Christine e, principalmente, Léa viviam em constante estado de tensão quanto a isso e não deixavam de, entre si, compartilharem as impressões que os procedimentos da patroa lhes causavam:



Christine: Ela gostou. Notou?
Léa: Ela gosta de tudo o que faz.
Christine: Ela vê tudo.

Na ocasião em travavam este diálogo, Léa tinha sido admitida na casa há pouco tempo, de forma que o que vira e sabia da senhora deixava-a bastante apreensiva quanto ao seu próprio desempenho ante a meticulosidade da patroa. A tensão é chave de toda a relação das quatro moradoras da casa, um silêncio constrangedor marca a cena da primeira vez que as irmãs Papin, juntas, servem tanto a mãe quanto a filha, sempre com receio de que as senhoras as recriminasse por algum deslize. Medo ainda mais acentuado em Christine que garante, de forma bastante natural, que a senhora Danzard *tudo vê*. Se considerarmos o axioma laciano que diz *ser o inconsciente estruturado como uma linguagem*, perceberemos que traços de ordem persecutória que se fazem presentes nesta oração, dita de maneira natural: indicando a



patroa como o sujeito da oração, fazendo sobre ela recair o predicado de que *tudo vê*, a mais velha das irmãs nos denuncia indícios de uma paranoia que tende a aumentar a cada dia que trabalha para a senhora Danzard.

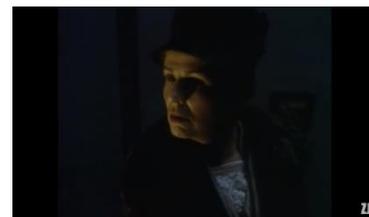
O advérbio *tudo* destaca o poder onipresente que é atribuído à senhora e denuncia, ao mesmo tempo, um sujeito ainda primitivo no que tange a linguagem, pois usa dela para expressar e trazer para fora fantasmas de um mundo imaginário, miticamente construído na infância.³ Não é de estranhar que se expresse dessa forma já que, segundo expusemos acima, a figura parental materna fazia questão de inculcar na cabeça de suas filhas a existência de um inimigo invisível, invejoso e disposto a destruí-las⁴. Estes traços, oriundos de uma estrutura comprometida com o desequilíbrio, talvez nunca chegassem a passagem ao ato se, numa noite, chegando as patroas em casa sem serem esperadas, não tivessem se deparado com Christine.

A desconfiança da senhora da casa em relação a suas empregadas crescia na medida em que o serviço já não era tão perfeito quanto nos primeiros dias, somado a esse fato havia também sinais de que ambas não dormiam e emagreciam a olhos vistos, sem falar que as duas, deixando de visitar a mãe, algo que costumeiramente faziam aos domingos, ficavam trancadas no quarto o dia todo. A madame não falava, não chamava atenção, só *observava*, deixando que seu *olhar* transparecesse seu descontentamento, decepção e raiva. Era um olhar que, silenciosamente, as perseguia e as buscava em toda casa. Um dia, contrariada, forçou que Léa apanhasse do chão um pedaço de papel, não disse uma única palavra, somente a fez se abaixar e, neste momento, veio barulhos da cozinha. De repente, pela primeira vez, a patroa entrou na cozinha, encontrando Christine visivelmente transtornada, lá chegando, não lhe disse uma única palavra, só andou pelo cômodo, apertou a torneira que estava pingando e verificou o que estava no fogo. Nada, além disso. Sua atitude era mais do que um sinal de que estava atenta, como também que estava de *olho*.

É basicamente o que acontece na noite de 2 de fevereiro quando, devido a uma discussão, as empregadas partem para cima das vítimas, cegando a Sra. Danzard com as unhas, a fim de que, na lógica delirante, se livrassem desse olhar perseguidor que não só as recriminava como ameaçava separar as duas irmãs para sempre.

³ Em outras palavras, Christine não se vale de toda a significação das palavras, tanto em seus sentidos metafóricos quanto metonímicos, ela toma, de forma inconsciente, as palavras como reais, o que, por sua vez, alimenta a *certeza* de ser observada, como sua mãe havia lhe dito.

⁴ Clémence funciona psicoticamente: seu discurso bem como as reivindicações que fazia indicava uma maneira persecutória de agir e pensar. Não foi a toa que todas as filhas, tão logo tiveram idade para tal, saíram de sua casa e de seu domínio.



Madame: Não minta pra mim. Não quero mentirosas em minha casa.

Christine: Madame sabe que não minto.

Madame: Está mentindo, eu sei. Você me decepciona [...] Olhe bem para sua irmã. Nunca mais trabalhará com ela.

Christine entra no mais completo e total desencadeamento psicótico na medida em que é confrontada com a eminente castração que, devido à intrusão de uma mãe psicotizante, não fora capaz de se inscrever: ao perder Léa no real, Christine seria castrada no simbólico, dor que não tinha condições de significar, pois faltava-lhe o significante primordial, a base pela qual ela teria ingresso na linguagem enquanto capaz de, parcialmente, dar sentido as suas demandas.

Christine e sua irmã foram presas, aparentemente cientes do que haviam feito, mas, na medida em que os dias se passaram, a mais velha começou a surtar de maneira descompensada: gritava, chorava, tentara vazar os próprios olhos, mordida quem se aproximava, implorando e pedindo que lhe devolvessem Léa. O novo surto se dava devido à separação que as paredes do presídio tornavam real, cada vez mais angustiante e difícil de lidar. Fora neste assomo de desespero que Christine conseguiu complacência da carcereira que a trouxe a irmã, a quem quase sufocou devido a premente necessidade que tinha. Léa assustou-se da voracidade da outra, e foi levada de volta. Deste dia em diante, Christine nunca mais pronunciou o nome de Léa.

3. Conclusão:

Buscamos, neste trabalho, entender, à luz da psicanálise de base lacaniana, as razões que poderiam explicar o crime protagonizado pelas irmãs Papin, que assombrou a França na década de 30. Aparentemente, não havia motivos contundentes capazes de se fazer supor que o ato era parte de uma trama engendrada por ambas, com o objetivo de se apossar dos bens das vítimas; muito pelo contrário, dada a violência empregada e nenhum sinal de luta, a polícia concluiu que a Sra. Lacelin e sua filha foram atacadas devido a um rompante de fúria das empregadas que, em sua ânsia e premência, arrancaram-lhes os olhos e mutilaram os corpos depois de constatada a morte.



O caso das irmãs assassinas foi tema de produções cinematográficas, das quais, escolhemos o filme *Entre elas* como *corpus* de nossa pesquisa por considerar que a obra retrata com um peso realista e perturbador, o fato no qual é baseado. Além disso, pudemos extrair da narrativa fílmica indícios de uma linguagem marcada pelo primitivismo da relação com o *Outro*, de quem as homicidas não haviam se desprendido. Logo, com as contribuições de Coriat sobre o caso, construímos um percurso histórico acerca das duas personagens, descobrindo haver uma figura parental materna desesperada e persecutória que conseguiu incutir na cabeça de suas filhas a existência de um inimigo impessoal e indeterminado que as *observava* e perseguia e que, exatamente por não ter forma nem identificação, poderia estar em tudo e em todos, algo que, diga-se de passagem, fundamentou o delírio paranoico de Christine, uma mulher destemperada que tudo fazia para não receber a menor crítica de sua patroa.

Em seguida, manuseamos alguns conceitos-chave acerca da estrutura psicótica, desde o que poderia originá-la até sua forma de funcionamento. De posse dos esclarecimentos necessários, debruçamo-nos sobre a análise do caso, no *corpus* em cena, desmitificando e esclarecendo pontos obscuros em um primeiro momento, defendendo que o crime ocorrido na noite de 2 de fevereiro de 1930 foi um desencadeamento psicótico, irrompido pela ameaça da castração que a patroa passou a representar.

Referências Bibliográficas

- CORIAT, G. Violet-Bine A. Um caso de J. Lacan: as irmãs Papin ou a loucura a dois. In: NASIO, J-D. (Org.). **Os grandes casos de psicose**. Tradução: Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Zahar, 2001, p. 191-215.
- DOR, J. **Estruturas e clínica psicanalítica**. Tradução: Jorge Bastos e André Telles. Rio de Janeiro: Taurus-Timbre, 1991.
- ENTRE ELAS. Direção: Nancy Meckler. Espanha: Cinema Independente, 1994. Vídeo do Youtube (1h26min), sonoro, colorido. Legendado. Inglês.
- GUERRA, Andréa M.C. **A psicose**. Rio de Janeiro: Zahar, 2010.
- JULIEN, Philippe. **Psicose, perversão, neurose: a leitura de Jacques Lacan**. Tradução: Procopio Abreu. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2002.
- LACAN, Jacques. **O seminário, livro 3: as psicoses [1955-1956]**. Tradução: Aluísio Menezes. Rio de Janeiro: Zahar, 1997.
- LACAN, Jacques. **O seminário, livro 4: a relação de objeto [1956-1957]**. Tradução: Dulce Duque Estrada. Rio de Janeiro: Zahar, 1995.